

Junho de 2013 lido através do prisma das revoluções coloridas

June 2013 read through the prism of color revolutions

MATEUS MENDES*

► DOI: <https://doi.org/10.4322/principios.2675-6609.2023.167.006>

Wikimedia Commons



Fotomontagem sobre foto da chamada Revolução de Veludo, ocorrida na antiga Checoslováquia em 1989

RESUMO

O objetivo geral do artigo é analisar os protestos de junho de 2013 no Brasil a partir da tese de que eles constituíram uma operação de guerra híbrida, mais precisamente, uma revolução colorida. Ele tem três objetivos específicos. O primeiro é discutir o contexto geopolítico em que ocorreram os protestos. O segundo, definir guerra híbrida e revoluções coloridas, abordando os fundamentos teóricos e históricos que concorreram para a elaboração dessa modalidade de operação. O terceiro é analisar os eventos de junho de 2013 com ênfase no trabalho de alguns aparelhos ideológicos da burguesia brasileira e do imperialismo, considerando o trabalho acumulado e o desempenhado quando as manifestações aumentaram de proporção. Afora a introdução e as considerações finais, este artigo está dividido em três seções, cada uma voltada para um dos objetivos específicos. A conclusão a que se chega é que a forma como os protestos se transformaram decorreu do fato de que setores da direita brasileira atuaram sob uma coordenação típica de revolução colorida.

Palavras-chave: Junho de 2013. Revolução colorida. Guerra híbrida. Ideologia. Imperialismo.

ABSTRACT

The aim of the article is to analyze the June 2013 protests in Brazil from the perspective that they constituted a hybrid warfare operation, more precisely, a color revolution. It has three specific aims. The first is to discuss the geopolitical context in which the protests took place. The second, defining hybrid warfare and color revolutions, addressing the theoretical and historical foundations that contributed to the elaboration of this modality of operation. The third, analyzing the events of June 2013 with an emphasis on the work of some ideological apparatuses of the Brazilian bourgeoisie and imperialism, considering the accumulated work and the work performed when the demonstrations increased in proportion. Besides the introduction and the concluding remarks, this article is divided into three parts, each dedicated to one of the specific purposes. The conclusion is that the way in which the protests were transformed resulted from the fact that sectors of the Brazilian right acted in a typical coordination of a color revolution.

Keywords: June 2013. Color revolution. Hybrid warfare. Ideology. Imperialism.

1. INTRODUÇÃO

O objetivo geral do presente artigo é analisar os protestos de junho de 2013 a partir da interpretação de que eles constituem uma operação de guerra híbrida, mais precisamente, uma revolução colorida. Ele tem três objetivos específicos: discutir o contexto geopolítico em que ocorreram os protestos; definir guerra híbrida e revoluções coloridas, abordando os fundamentos teóricos e históricos que concorreram para a elaboração dessa modalidade de operação; analisar junho de 2013 com ênfase no trabalho de alguns aparelhos ideológicos da burguesia brasileira e do imperialismo, considerando o trabalho acumulado e o desempenhado quando as manifestações aumentaram de proporção. Além da introdução e das considerações finais, este artigo está dividido em três seções, cada uma voltada para um dos objetivos específicos supracitados.

Há que fazer ainda duas considerações preliminares. A opção por analisar as iniciativas das direitas não pode ser traduzida como uma negligência de nossa parte acerca dos erros que cometeram as esquerdas, especialmente os governos petistas. Ademais, a ênfase no *modus operandi* das revoluções coloridas não significa que pensemos que elas podem vicejar em solo desértico ou, recorrendo à metáfora marxiana, que são raios em céus azuis. No entanto, em que pese o reconhecimento de uma série de razões que poderiam gerar revoltas populares no Brasil, é fato que razões se faziam e se fazem presentes sem, contudo, gerar manifestações semelhantes. Em verdade, as condições materiais, os motivos para protestos ficaram ainda maiores após 2016. Porém, nada parecido com 2013 aconteceu até agora.

Se as razões para a eclosão de movimentos semelhantes se faziam presentes antes e depois, o que torna aquele mês de junho tão particular? Em nosso entendimento, a resposta para essa pergunta é que junho de 2013 é fruto de uma ação coordenada, ação essa que na Ciência Política tem recebido o nome de revolução colorida.

2. O CARÁTER CONTRARREVOLUCIONÁRIO E IMPERIALISTA DA ORDEM NEOLIBERAL

Nancy Fraser observa que o neoliberalismo resultou de uma convergência inusitada de forças: a Nova Esquerda (militantes antirracistas e antissexistas; ambientalistas; estudantes) e os defensores do livre mercado, ambos os grupos insatisfeitos com o Estado de bem-estar social (FRASER; JAEGGI, 2020). À esquerda, desejava-se reformá-lo para incluir os excluídos e zelar pelo meio ambiente. À direita, desejava-se demoli-lo por completo. Com efeito, a crise econômica dos anos 1970 foi a janela de oportunidade para a mudança, e o Estado de bem-estar social sucumbiu.

Fraser identifica duas faces do neoliberalismo (FRASER; JAEGGI, 2020). Ainda que ambas advoguem o fim dos serviços públicos e a desregulamentação da legislação trabalhista, uma pode ser considerada “progressista” porque preza minimamente os direitos humanos e defende alguma regulamentação ambiental. A outra face, entretanto, é “ultrarreacionária”: além da agenda regressiva neoliberal típica, defende, sem pejo, políticas racistas, machistas, LGBTfóbicas e xenóforas e o fim de qualquer legislação ambiental. Por essa ótica, nos anos 1990 o neoliberalismo progressista foi mais forte. Nos anos 2000 houve um certo impasse, sendo que a partir de 2008 o neoliberalismo ultrarreacionário parte para a ofensiva. A partir de 2016, se torna hegemônico.

Com efeito, nos anos 1990 houve certa concessão a pautas que não interferem diretamente na acumulação capitalista. Em parte, isso se deveu ao fato de que Clinton e Blair, por se apresentarem como uma “terceira via”, contavam com votos da Nova Esquerda. Além disso, como observa Lacerda (2019), o neoconservadorismo passava por uma crise porque a luta militar contra o comunismo perdera parte considerável de sua capacidade de coesão interna e porque surgiu no seio do movimento um grupo que defendia uma política externa isolacionista.

Nada obstante, afóra as pautas ambiental e de direitos humanos, as marcas dos anos 1990 são retrocessos econômicos, sociais, políticos e ideológicos. O desmonte do Estado de bem-estar social, as privatizações e a desregulamentação das relações de trabalho não só rebaixaram o padrão de vida da classe trabalhadora como impuseram a ela sérias dificuldades políticas.

No caso dos países periféricos, a situação foi ainda mais severa. É neles que o neoliberalismo e a democracia mostram o quão incompatíveis são. O perfil dependente desses países encontra na balança de pagamentos seu ponto sensível: as importações de industrializados são custeadas pela exportação de bens primários. Nessas condições, de governos despreocupados com agendas sociais, as políticas recessivas são o remédio usual para o equilíbrio das contas, comprimindo o mercado interno para garantir a entrada de investimentos externos. A consecução desse plano exige transformar a democracia em uma fábula (FIORI, 2012a; 2012b).

Além disso, o neoliberalismo é uma das expressões hodiernas do imperialismo. Seja por rebaixamento do valor do trabalho ou por privatizações, a agenda neoliberal joga no mercado internacional, a preços subvalorizados, uma série de ativos que, por via de regra, são apropriados pelos países centrais (HARVEY, 2011). Além de se beneficiarem da transferência de bem-estar de um polo a outro da economia internacional, os países centrais costumam ser os principais beneficiados pela privatização de setores estratégicos (telefonia, energia, bancos, mineração etc.).

Outro sinal de retrocesso pode ser visto no debate ideológico. A vitória na Guerra Fria foi interpretada pelos Estados Unidos como uma autorização para o revisionismo histórico e para a defesa desabrida do imperialismo.

A partir dos anos 1990 avançou nos países imperialistas o revisionismo histórico. Desde então, em jornais de grande circulação e livros, pululam teses que defendem a ideia de que impor *manu militari* o modelo ocidental de civilização foi mais que legítimo, foi um dever civilizacional. Para esses intelectuais orgânicos do imperialismo, essa é uma assertiva válida para o passado e para o presente (LOSURDO, 2017).

O caso de Duffield (2014) é bem ilustrativo. Para o autor, com o fim da Guerra Fria surgiu uma nova forma de gerir e praticar a violência, as “novas guerras”, cuja gênese seria o subdesenvolvimento irradiado do Sul Global. Assim, a solução seria uma articulação entre governos, ONGs, forças armadas e empresariado em prol de uma “governança liberal global”: um esforço internacional para o fortalecimento da democracia representativa e dos fundamentos da economia de mercado.

Essa concepção político-ideológica de que os EUA e seus sócios carregam o “fardo do homem branco”, associada à vitória na Guerra Fria, autorizou três movimentos geopolíticos. Na periferia, houve uma série de “intervenções humanitárias”. No que fora o bloco socialista, houve duas ofensivas. A Otan promoveu uma série de expansões anexando países

que foram do Pacto de Varsóvia, da União Soviética e da Iugoslávia: em 1999, ingressaram na organização Hungria, Polônia e República Tcheca; em 2004, foi a vez de Bulgária, Eslováquia, Eslovênia, Estônia, Letônia, Lituânia e Romênia; em 2009, Albânia e Croácia; em 2017, Montenegro; e em 2020, Macedônia do Norte¹. Ademais, ocorreram eventos caros à pesquisa em tela: as revoluções coloridas na Sérvia, na Geórgia, na Ucrânia e no Quirguistão.

2.1. CRISE E OFENSIVA ULTRARREACIONÁRIA

Embora o fim da hegemonia do neoliberalismo progressista seja datado da crise de 2008, no início dos anos 2000 já começaram a emergir as principais variáveis que alterariam a economia política internacional. Com efeito, o reposicionamento da Rússia como potência geopolítica e o crescimento da importância da China para a economia internacional impuseram sérios desafios aos Estados Unidos.

A Rússia assistiu resignada à expansão da Otan, à fragmentação da Iugoslávia e aos bombardeios à Sérvia. Com a ascensão de Putin (em 1999 a primeiro-ministro, e em 2000 a presidente), o quadro mudou. Ainda que não tenha mostrado força para preservar sua influência nos países que aderiam à Otan ou onde ocorriam as revoluções coloridas, Moscou mostrou-se bem confiante na crise da Ossétia. Ao resolver militarmente o impasse gerado pela ocupação da república autônoma e russófila pela Geórgia, o Kremlin enviou um recado solar de que não aceitaria mais manobras hostis nas franjas do seu território. A mensagem foi reforçada com o estreitamento das relações militares com a Venezuela, uma vez que a Rússia se tornou sua principal fornecedora de armamentos em todos os níveis, levando a Caracas seus bombardeiros e, sobretudo, promovendo exercícios navais no Caribe (ELLIS, 2017; MENDES, 2022; ROUVINSKI, 2019). Poderíamos acrescentar ainda a entrada da Rússia na guerra da Síria, que virou o jogo em favor do governo Assad, acossado por forças patrocinadas pelo Ocidente.

Em que pese a dimensão geopolítica da relação Estados Unidos-China não ser menor, para a discussão em tela interessa particularmente o aspecto econômico da ascensão chinesa. Entre 2000 e 2013, a China realizou uma série de feitos que alteraram a geografia econômica. Do ponto de vista quantitativo, superou os Estados Unidos no comércio internacional; deslocou os Estados Unidos tanto da posição de principal destino das exportações brasileiras como da de principal origem das nossas importações (MENDES, 2022). Do ponto de vista qualitativo, iniciou sua escalada para se tornar uma potência nas tecnologias da informação e comunicação (TICs). As TICs são o ramo mais dinâmico da economia contemporânea, como atesta o fato de, em 2018, as cinco maiores empresas do mundo em termos de capitalização de mercado serem do setor. Além disso, as TICs são uma área sensível e dual: vantagens nesse segmento costumam redundar em ganhos econômicos e militares (MAJEROWICZ, 2019)

Adicionalmente ao quadro apresentado, em 2008 a principal potência política, econômica e militar do mundo se tornou o epicentro de uma crise econômica, entre cujos resultados está a ascensão da extrema direita e do neoliberalismo ultrarreacionário. Ante a crise do neoliberalismo progressista, a resposta liberal-conservadora foi não apenas o apro-

¹ É interessante observar que, embora não tenham composto o bloco socialista durante a Guerra Fria, a Finlândia e Suécia solicitaram adesão à Otan em 2022. Sendo que até a redação final deste artigo (junho de 2023), apenas a Finlândia havia concluído o processo e se tornado membro da organização.



Reunião do Conselho Consultivo da Usaid (United States Agency for International Development) em dezembro de 2022 em Washington D.C. Fundada em 1961 e ligada ao Departamento de Estado, a agência seleciona e orienta politicamente personalidades e instituições que, em diversos países do mundo, vão travar a guerra ideológica

fundamento das medidas neoliberais como também o abandono das agendas ambiental e de direitos humanos. Assim, desde então, assiste-se a uma ofensiva em prol de uma desregulamentação ainda maior do que a experimentada entre 1991 e 2008, associada a uma regressão nos temas afetos ao meio ambiente e aos direitos humanos (FRASER; JAEGGI, 2020).

Para finalizar o contexto internacional, há que destacar os Brics e o ciclo de esquerda pelo qual passava a América Latina. Em 2006, Brasil, Rússia, Índia e China fundaram o Bric, grupo que passou a ter reuniões anuais a partir de 2009. Em 2011, com a inclusão da África do Sul, passou a se chamar Brics, um grupo que intenta contestar a ordem internacional e a hegemonia estadunidense, enfatizando a importância de que o sistema interestatal se pautasse pelo multilateralismo. Na dimensão regional, após o fracasso político, social e econômico do ciclo neoliberal dos anos 1990, a América Latina experimentava um ciclo de governos de esquerda, ciclo esse que tinha no Brasil um de seus pilares (MENDES, 2022).

Junho de 2013 promoveu um giro à direita na política brasileira. Seu principal legado foram o golpe de 2016 e a eleição de Bolsonaro (MENDES, 2022). Do ponto de vista doméstico, os governos Temer e Bolsonaro se marcaram pela imposição de uma agenda ultraliberal. Do ponto de vista internacional, representaram a solução de continuidade de uma experiência de política externa autônoma e soberana. Portanto, junho de 2013 serviu aos interesses da contrarrevolução burguesa e do imperialismo.

3. REVOLUÇÕES COLORIDAS: DEFINIÇÃO E EXPERIÊNCIAS ANTERIORES

Como *lawfare* e guerra econômica, revolução colorida é um gênero de guerra híbrida. Nesse sentido, para definir revolução colorida é necessário antes conceituar guerra híbrida.

A guerra híbrida resulta do desenvolvimento que as doutrinas militares seguiram a partir de constrangimentos que surgiram ao longo do século XX. Ela se caracteriza menos por novidades do que pela ênfase em estratégias e táticas consagradas há muito tempo.

Guerra híbrida é um assunto que vem ocupando o debate estratégico público tanto nos Estados Unidos quanto na Rússia. Em ambos os casos, os analistas afirmam que seu país é alvo desse tipo de operação (MENDES, 2022). Publicamente, nenhum dos dois assume promover esse tipo de combate.

Não obstante, em 2010, o Departamento de Defesa dos Estados Unidos emitiu a *Training circular* (TC) 18-01, que instrui as Forças Especiais acerca das guerras não convencionais. A TC 18-01 observa que esse tipo de guerra envolve toda a máquina estatal e que, muito em breve, essa modalidade de combate será predominante. A circular retoma ensinamentos clássicos da estratégia. Com base em Nicolau Maquiavel, o manual frisa que para dominar um Estado há que encontrar quem no Estado-alvo apoie a incursão. Já Sun Tzu pode ser percebido quando a TC 18-01 frisa que é importante encontrar, explorar e potencializar as vulnerabilidades políticas, militares, econômicas e psicológicas do Estado-alvo. Recuperando Carl von Clausewitz, destaca que o Estado atacante não pode criar artificialmente tais fragilidades, mas deve estar pronto para não só explorá-las como também potencializá-las (MENDES, 2022).

Aqui é importante contrapor a TC 18-01 e o livro *Guerras híbridas*, de Andrew Korybko. Korybko (2018) afirma que a guerra híbrida é uma guerra indireta e se divide em duas etapas: a revolução colorida e a guerra não convencional. A primeira se notabiliza por não empregar violência física, armada, e a segunda, por ter conflito armado executado não por tropas regulares, mas por mercenários, insurgentes, entre outros.

A formulação do autor é, de fato, uma análise sobre a doutrina estadunidense, embora esta não separe as operações civis das militares, nem como fases, tampouco como faces. Pelo contrário, o documento frisa que se trata de um esforço de toda a máquina estatal e que são as condições de campo que definem o emprego e a ênfase de cada método ou grupo (MENDES, 2022).

Conquanto a diferença seja mais na forma do que na substância, optamos pela concepção de guerra híbrida de Korybko (2018) por entendermos que sua ênfase na revolução colorida contribui mais para o debate proposto. Frisamos, contudo, que, diferentemente de Korybko, compreendemos que a revolução colorida não constitui uma fase/etapa da guerra híbrida, senão uma dimensão/face dela.

Feitas essas considerações preliminares, é o momento de trazer para o debate as guerras ideológicas, porque, como se verá, as revoluções coloridas podem ser vistas como o ápice desse tipo de guerra indireta. Para tanto, necessitamos destacar algumas transformações que ocorreram na “arte da guerra” ao longo do século XX.

3.1. GUERRA IDEOLÓGICA

Em um trabalho dedicado ao conceito de ideologia, Eagleton (2019, p. 17) abre a discussão trazendo uma relação de algumas das mais comuns concepções acerca dele, dentre as quais destacamos: “o processo de produção de significados, signos e valores na vida social”; “um corpo de ideias característico de um determinado grupo ou classe social”; “pensamento de identidade”; “ilusão socialmente necessária”. Ao final, sem fechar questão sobre o assunto, o autor propõe algumas definições que dialogam com os objetivos do presente

Por mais eficientes que sejam seus métodos, as revoluções coloridas não têm um desfecho previamente conhecido. Seu desenvolvimento depende de uma série de fatores — condições materiais, personalidade das lideranças em xeque, assimilação dos valores ocidentais, afinidade ideológica entre a população em geral e os governantes etc.

trabalho. Para Eagleton (2019), ideologia pode ser entendida como um conjunto de ideias e crenças que ajudam a promover e legitimar os interesses de um grupo ou classe em oposição aos interesses de outro grupo ou classe.

Pelo apresentado, ainda que Sun, Maquiavel e Clausewitz não usem o termo *ideologia*, é possível identificar em suas obras não só a essência do que hoje entendemos por esse conceito como também sua importância para a realização de objetivos político-estratégicos.

Sun (2007) afirmava que a alta estratégia visa ganhar a guerra sem combater, porque assim se preservam capital humano e material do território que se deseja conquistar. Pontuava ainda que, seja para o ataque ou para a defesa, a capacidade militar de um Estado deriva da coesão de sua população e suas elites dirigentes. Sun complementava afirmando que identificar e explorar a discórdia (real ou potencial) é a função mais importante do espião.

No mesmo diapasão, Maquiavel (2013) frisa que para dominar um Estado há que encontrar quem no Estado-alvo apoie a incursão e que a forma mais barata e eficiente de manter essa dominação é através da nomeação de prepostos nacionais no próprio Estado subjogado. Destaque-se que o florentino esclarece que tais condições independem da diferença de força entre os Estados em questão.

Clausewitz (2005), por seu turno, afirma que de pouco adianta a vantagem material e logística e a habilidade dos comandantes se a vontade do inimigo não for domada. O general prussiano destaca também a importância da tríade prontidão-senso de oportunidade-elemento surpresa. Para além das considerações óbvias, o autor chama atenção para o fato de que as fragilidades do inimigo, ainda que possam e devam ser exploradas, não podem ser artificialmente criadas.

Esses ensinamentos já compunham a base das melhores doutrinas militares quando, ao longo da primeira metade do século XX, surgiram constrangimentos que forçaram uma revisão na estratégia e na tática. Anunciada no pós-Primeira Guerra Mundial, a autodeterminação dos povos passou a ter efetividade no pós-Segunda Guerra Mundial, uma vez que interessava aos dois vencedores da guerra, ainda que por razões diversas. Além disso, a Carta da ONU sacramentou o princípio da igualdade soberana dos Estados e proscreeu a guerra de conquista. Destarte, a colonização como ocorria até 1939 e a anexação de territórios



Srđa Popović (e.) e Ivan Marović, fundadores do Otpor!, organização política que atuou na Sérvia (então parte da Iugoslávia) de 1998 a 2004 e era financiada por agências do governo dos Estados Unidos

deixaram de ser aceitáveis. Apesar de esses valores serem mais de direito do que de fato e de que muitas vezes as potências agem ao arrepio da lei, deve-se reconhecer que eles criaram constrangimentos às práticas imperialistas “clássicas”. Prova disso é que desde 1945 o imperialismo privilegia a interferência indireta — seja por golpe ou apoio a uma facção cliente — em detrimento da ocupação militar.

Finalmente, a bomba atômica. Em face da possibilidade de que um conflito entre as (super)potências possa evoluir para uma guerra nuclear, esses Estados passaram a enfatizar as formas não violentas e indiretas de conflito, com vistas a minar a capacidade de coesão do inimigo e erodir sua liderança, dando origem a uma série de novas doutrinas que se assemelham na concepção embora empreguem nomes distintos: guerra assimétrica, guerra irregular, guerra irrestrita, guerra além dos limites ou guerra de quarta geração.

A despeito da diferença de peso entre eles, esses quatro constrangimentos — autodeterminação dos povos, igualdade soberana entre os Estados, proscricção da guerra de conquista e bombas nucleares — forçaram a leitura em novas bases de Sun, Maquiavel e Clausewitz, em cujas obras está a essência da guerra indireta. Mais do que isso, o período da Guerra Fria teve na frente ideológica uma de suas dimensões. Nesse sentido, não há surpresa no fato de que a CIA tenha sido concebida por George Kennan, um dos principais diplomatas estadunidenses do período da Guerra Fria, e tido como atividade precípua promover a guerra ideológica e cultural.

No topo da estrutura estão a United States Agency for International Development (Usaid) e o National Endowment for Democracy (NED). Fundada em 1961 e ligada ao Departamento de Estado, a Usaid contribuiu para desestabilizar e derrubar os governos na América Latina e apoiou as ditaduras que se seguiram aos golpes. A agência seleciona e orienta politicamente personalidades e instituições que, em diversos países do mundo, vão travar a guerra ideológica.

Fundado em 1983, o NED constitui a ponta de lança da dimensão ideológica da Doutrina Reagan. O NED foi formulado para retomar em novas bases o trabalho que Kennan e a CIA tocaram desde a fundação da agência até 1967. Naquele ano veio a público que parte da elite cultural e intelectual estadunidense, europeia e latino-americana recebia recursos da CIA para fazer a defesa dos valores e do ponto de vista estadunidense. O escândalo forçou a solução de continuidade desse tipo de prática até que o governo Reagan lançou o

NED. Na prática, o NED é o gestor dos recursos destinados a custear parte da estrutura de guerra ideológica. A maior parte da verba sob sua gestão provém do Tesouro estadunidense mediante aprovação do Congresso (MONIZ BANDEIRA, 2013).

É importante destacar que essa divisão de trabalho na qual a Usaid é a responsável política e o NED, o responsável financeiro, indica a atividade principal de cada um, e não uma separação rígida. Por um lado, a Usaid financia diretamente alguns projetos. Por outro, o NED tanto tem autonomia em relação às instituições às quais destina recursos quanto a própria parceria com essas instituições também é um canal de instrução político-ideológica.

Logo abaixo, vêm o American Center for International Labor Solidarity (Acils), o Center for International Private Enterprise (Cipe), o International Republican Institute (IRI) e o National Democratic Institute (NDI). A atuação do Acils incide sobre sindicatos; a do Cipe, sobre empresas. Por fim, os *think tanks* ligados respectivamente aos partidos Republicano e Democrata.

Peça-chave no circuito, o NED é fruto do consenso político entre as elites estadunidenses no que toca à consecução da política externa. Como observa Brum (2022, p. 85), diretamente ou através do Acils, Cipe, IRI e NDI,

[o NED] se insere dentro de um esforço maior de Washington, que busca minimizar suas práticas de ingerência em outros países, tornando-as cada vez menos identificáveis, permitindo que os EUA atinjam um nível de desengajamento, ao “terceirizarem” a implementação de programas no âmbito de organizações da sociedade civil.

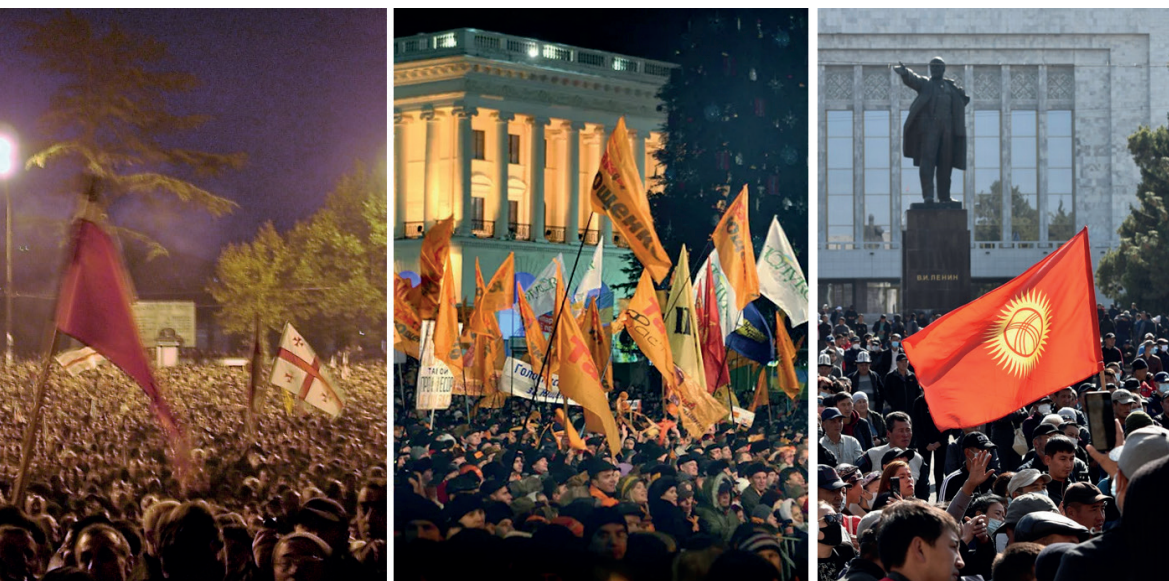
Assim o NED apaga os rastros que ligam os recursos do Tesouro aos agentes de campo da ação imperialista, o que permite realizar ações que normalmente seriam tachadas de intervencionistas e lesivas à soberania dos países onde essas instituições privadas operam.

Na ponta da estrutura, há uma constelação de *think tanks*, ONGs, sindicatos e movimentos sociais integrantes do sistema Usaid/NED. Esses são os agentes de campo da guerra ideológica, os executores, em última instância, da revolução colorida.

3.2. REVOLUÇÕES COLORIDAS: DEFINIÇÃO E MODUS OPERANDI

Moniz Bandeira (2013) caracteriza revoluções coloridas como um conjunto de ações não violentas que visam desestabilizar um governo. A isso, Visentini (2014) acrescenta que elas apresentam uma aparente espontaneidade, embora resultem de intenso planejamento. Korybko (2018) as define como um golpe brando que constitui a fase não violenta da guerra híbrida. Para os três, as revoluções coloridas são promovidas por forças domésticas e apoiadas pelo governo dos Estados Unidos a fim de derrubar um governo que considerem hostil.

Há duas proposições esquemáticas bem interessantes para a compreensão das revoluções coloridas. A primeira foi formulada em 2014 pela professora da Academia de Defesa da Letônia, Ieva Berzina. Segundo ela, as revoluções coloridas desdobram-se em cinco fases: i) protestos pacíficos massivos; ii) provocação e campanha para desacreditar o governo; iii) neutralização da capacidade de ação do governo; iv) caos político e social; v) tomada do poder. Para ela, uma vez iniciada, uma revolução colorida leva a um de dois cenários: mudança de governo ou, caso este não ceda, caos social e político (BERZINA, 2014).



Fotomontagem

Da esq. para a dir., cenas de manifestações durante a Revolução das Rosas (Geórgia, 2003), Revolução Laranja (Ucrânia, 2004-2005) e Revolução das Tulipas (Quirguistão, 2005)

No ano seguinte, Korybko (2018) apresentou um esquema com três etapas: preparação, acontecimento e movimento. A primeira fase consiste no trabalho ideológico propriamente dito: a busca por corações e mentes para uma causa, sintetizada na tríade neoliberalismo-democracia liberal-hegemonia estadunidense. Como a revolução colorida precisa parecer espontânea, a estrutura de guerra ideológica opera uma campanha de informação e propaganda associada à psicologia comportamental. No fim, a aparência de espontaneidade decorre do fato de que muitas pessoas respondem ao chamado sem se dar conta disso. É nessa fase que opera a estrutura de *think tanks*, ONGs e movimentos sociais liderados pela Usaid/NED, além de outros aparelhos ideológicos mais tradicionais, como a mídia e as igrejas.

Essa estrutura já opera em praticamente todo o mundo há décadas. No entanto, seu nível de atividade varia. Em Estados tidos como hostis pelos EUA, seu regime é de prontidão permanente. Em Estados não hostis, ela pode entrar em prontidão se necessário. De qualquer forma, uma vez que o governo passe a não mais ser aliado, a estrutura passa a buscar o que Korybko (2018) chama de “acontecimento”: o fato que servirá de pretexto para a convocação.

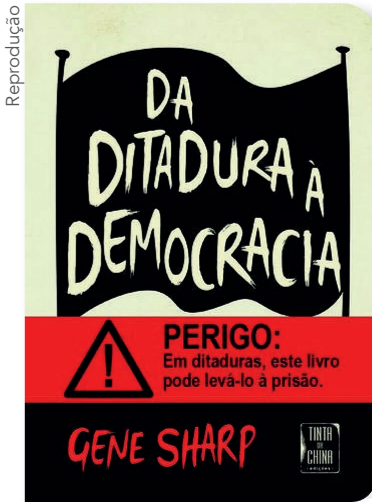
A partir daí, se a resposta do público for positiva, irrompe o movimento, a revolução colorida em si. Uma vez iniciada, a revolução colorida adota a tática “enxame e mente de colmeia”. Essa tática consiste em induzir os militantes e simpatizantes a promoverem ataques de maneira aparentemente caótica, embora direcionados especificamente a símbolos e instâncias de poder. É nesse momento que as mídias sociais assumem papel fundamental, impulsionando e divulgando os atos (KORYBKO, 2018).

Sem embargo, há que frisar que as redes e mídias sociais exercem papel importante também na fase preparatória. O mais visível é o de propaganda, quando os usuários compartilham os conteúdos. Há, porém, um trabalho mais oculto, o perfilamento da população. Através de “curtidas”, comentários e compartilhamentos, os usuários geram dados que podem servir para formular o perfil psicossocial de uma população e segmentá-la. De posse dessa informação, é possível identificar termos e imagens com maior potencial para se tornar gatilhos e quais gatilhos

são melhores para cada segmento, de forma a modular alguns aspectos do comportamento dos usuários (KAISER, 2020; MACHADO, 2019; MOROZOV, 2021)2019; Morozov, 2021.

Finalmente, do ponto de vista esquemático, não há oposição entre as propostas de Berzina (2014) e de Korybko (2018). Entendemos que as cinco etapas identificadas por Berzina constituem o desdobramento da revolução em si, que, por seu turno, corresponde à terceira etapa da caracterização feita por Korybko.

3.3. AS REVOLUÇÕES COLORIDAS DO LESTE EUROPEU



Reprodução
Capa da edição brasileira do livro *Da ditadura à democracia* (1993), do cientista político Gene Sharp

As revoluções coloridas têm no livro *Da ditadura à democracia* (1993), do cientista político Gene Sharp, uma espécie de “guia prático”. Intelectual com livre trânsito nos principais partidos estadunidenses, ao longo dos anos 1970 e 1980 Sharp recebia de agentes da diplomacia, da inteligência e das Forças Armadas informações sobre atividades dos grupos anticomunistas com os quais o governo dos EUA tinha contato nos mais diversos países do mundo. Após várias análises, Sharp desenvolveu um método de interferência política que consiste em criar uma série de desafios políticos que confundem a ação dos governantes, a partir de ações não violentas e de bandeiras que sejam amplas, de difícil rejeição e que possam sensibilizar governos e cidadãos ocidentais. Em 1983, fundou a Albert Einstein Institution, dedicada ao estudo e à promoção desses métodos (MENDES, 2022; MEYSSAN, 2005).

Os primeiros eventos relevantes ocorridos sob inspiração do método de ação não violenta foram as revoltas que culminaram com a queda dos governos socialistas na Alemanha Oriental e na Tchecoslováquia (VISENTINI, 2014). O caso tchecoslovaco é particularmente interessante não só porque teve um nome, mas porque o nome traduz perfeitamente a ideia de algo suave: Revolução de Veludo (17 de novembro a 29 de dezembro de 1989).

Podemos dizer, portanto, que essas duas são revoluções coloridas *avant la lettre*, afinal, foram realizadas antes de Sharp publicar seu livro. Esses eventos foram fundamentais para que, quatro anos depois, Sharp pudesse dar ao método forma de livro. No entanto, foram jovens sérvios que transformaram a ação não violenta em algo que pudesse ser sistematizado e replicado.

Em 1998, os jovens Srđa Popović e Ivan Marović fundaram o movimento Otpor! (Resistência!). O grupo se propunha a opor “resistência” a um governo que interferia na economia e que, sob sua ótica, não respeitava liberdades políticas e individuais, embora houvesse partidos de oposição e a mídia criticasse aberta e intensamente o governo. Inspirado no trabalho de Sharp, o Otpor! rapidamente se destacou no ambiente político sérvio e passou a ser o principal beneficiário do apoio intelectual, organizacional e financeiro da estrutura comandada pela Usaid/NED, que através de ONGs e *think tanks* nutria os principais movimentos e personalidades de oposição a Milošević. Apenas no ano 2000, o circuito Usaid/NED distribuiu US\$ 64 milhões para esses grupos, que naquele ano liderariam a Revolução Bulldozer (BERZINA, 2014; MACKINNON, 2010; MENDES, 2022).

Tal experiência mostrou a eficiência do método Sharp e animou o imperialismo e a direita nos países que haviam sido do bloco socialista. Com apoio da estrutura Usaid/NED, por toda a região teve início um intenso intercâmbio entre jovens liberais e pró-Occidente que fundavam grupos replicando o Otpor!. Em três anos, os resultados começaram a aparecer: Revolução das Rosas (Geórgia, 2003), Revolução Laranja (Ucrânia, 2004-2005) e Revolução das Tulipas (Quirguistão, 2005) (MACKINNON, 2010; MENDES, 2022; MONIZ BANDEIRA, 2013).

Sem embargo, não se pretende ignorar que em cada um desses países havia contradições, disputas políticas e antagonismos específicos. Também não se pretende olvidar de que o processo político se fez por indivíduos que têm seus interesses e que fazem suas escolhas. Porém, tampouco se pode ignorar o poder da propaganda político-ideológica e de como sua eficiência exige recursos tanto para aprimoramento das técnicas como para circulação das ideias. Assim, não se pode ignorar que a superioridade em recursos financeiros e no nível técnico e intelectual aumenta as chances de vitória. Dessa forma, as lideranças sérvias, georgianas, ucranianas e quirguizes cujos interesses e ideologia convergiam para os interesses estadunidenses e a ideologia neoliberal travaram a disputa política em condições mais favoráveis.

Claro que nem sempre as revoluções coloridas são bem-sucedidas. Podem ser debeladas por uma ação dura do Estado. Em Angola (20 de junho de 2015), 15 ativistas foram presos sob a acusação de conspiração. Na base da acusação estava o debate sobre o livro *Ferramentas para destruir o ditador e evitar nova ditadura: filosofia política da libertação para Angola*, de Domingos da Cruz. O livro em questão é uma adaptação do livro *Da ditadura à democracia*, de Gene Sharp (DIAS, 2015).

As revoluções coloridas podem também evoluir para um quadro de tensão. Na Nicarágua, em abril de 2018, uma série de protestos deram origem a uma crise política que perdura até hoje. Além de a oposição receber recursos e instrução da Usaid/NED, a crise começou com protestos que seguiam o mesmo roteiro das revoluções coloridas (DELGADO, 2019). Podem, ainda, evoluir para uma crise intermitente, com protestos esporádicos. É o caso da Revolta dos Guarda-Chuvas, em Hong Kong, que desde 2014 questiona a autoridade chinesa sobre o território.

Ou seja, por mais eficientes que sejam seus métodos, as revoluções coloridas não têm um desfecho previamente conhecido. Seu desenvolvimento depende de uma série de fatores — condições materiais, personalidade das lideranças em xeque, assimilação dos valores ocidentais, afinidade ideológica entre a população em geral e os governantes etc.

Contudo, no Brasil, a revolução colorida foi bem-sucedida.

4. JUNHO DE 2013: A REVOLUÇÃO COLORIDA BRASILEIRA

O que efetivamente entrou para a história como Junho de 2013 é o período compreendido entre os dias 17 e 20 de junho daquele ano: por um lado, esses quatro dias diferem de tudo o que veio antes, e, por outro, tudo o que se segue a eles lhes é tributário direta ou indiretamente. Com efeito, os protestos daquele mês começaram com um caráter de esquerda. A esquerda teve a iniciativa e a hegemonia apenas durante as manifestações ocorridas entre os dias 6 e 13. Aqueles atos foram, no entanto, pequenos, ou, na melhor das hipóteses, normais. No dia 17, contudo, a direita assumiu o domínio, restando a uma parcela da esquerda lutar para fazer parte dos protestos da direita ou liderar atos paralelos e menores.

Em 14 de junho, Jair Bolsonaro criou seu perfil no Facebook, que à época era a principal rede social no país. Também no dia 14 começou a circular uma *fake news* orientando as pessoas a se vestirem com a bandeira brasileira, porque assim a polícia não bateria nos manifestantes

É justamente o período entre 17 e 20 de junho de 2013 que consideramos como a revolução colorida brasileira. Para analisá-la, é preciso identificar as três fases propostas por Korybko (2018): preparação, acontecimento e movimento.

4.1. A PREPARAÇÃO: O TRABALHO IDEOLÓGICO ANTERIOR

Os aparelhos ideológicos cujo trabalho mais se destaca em uma revolução colorida são os *think tanks*. Não que outros, como igreja e mídia, não contribuam, porém é o trabalho daqueles que melhor distingue a revolução colorida de outras práticas imperialistas.

A história dos *think tanks* liberais na Nova República começa ainda no ocaso da ditadura, com a fundação do Instituto Liberal (IL), em 1983. Nesse período, eles iniciam uma trajetória ascendente. Disputaram a opinião do público e dos deputados a fim de influenciar os rumos da Assembleia Constituinte. O governo FHC foi o auge desse primeiro ciclo. A reeleição de FHC criou a ilusão de que a disputa ideológica estava ganha. Como resultado, houve um refluxo do investimento, e os *think tanks* desidrataram (CASIMIRO, 2018; ROCHA, 2021).

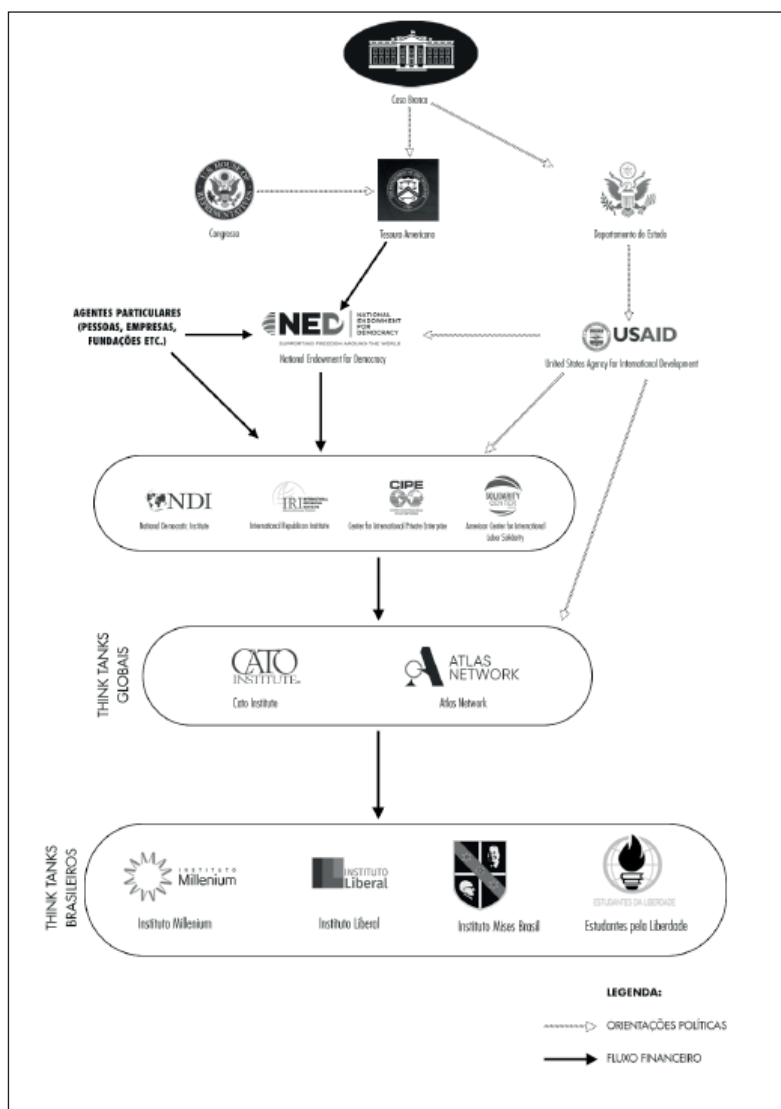
A perspectiva da reeleição de Lula não apenas revitalizou alguns dos antigos *think tanks* como suscitou uma nova geração deles. São dessa leva o Instituto Millenium (Imil), Ordem Livre, Students For Liberty Brasil (SFLB), Estudantes Pela Liberdade (EPL) e Instituto Mises Brasil (IMB). O Imil tem um perfil mais neoliberal progressista, é mais voltado para o debate acadêmico e midiático e articula um público mais maduro. Os outros têm um perfil bem diverso. Esposam teses que articulam ultraliberalismo e neoconservadorismo. São voltados mais para a militância e formação de quadros de juventude, inclusive, entre 2006 e 2013, seus líderes eram universitários ou recém-formados. Desses grupos ou em articulação com eles saíram alguns dos movimentos que liderariam a inflexão à direita da política brasileira: Endireita Brasil, Nas Ruas, Revoltados Online e Movimento Brasil Livre (MBL) (CASIMIRO, 2018; ROCHA, 2021).

Além disso, há cinco aspectos que diferenciam as lideranças dos *think tanks* da geração 2006-2012 das da geração 1980-1990. As da nova geração se formaram intelectualmente no auge do lulismo, por isso, eram minoritárias em quase todos os espaços sociais, especialmente nas universidades. Seus referenciais teóricos são ultraliberais e neoconservadores, a ponto de preferirem classificar FHC como social-democrata a identificá-lo como liberal. São assumidamente de direita. Tiveram no meio digital, especialmente os fóruns do Orkut, uma dimensão importante na sua formação intelectual e militante, por isso carregavam uma retórica agressiva, típica dos fóruns virtuais, e tinham habilidade no ambiente virtual (ROCHA, 2021).

Finalmente, enquanto na geração dos anos 1980-1990 a experiência internacional dos quadros se resumia a cursos de pós-graduação, especialmente em Chicago, alguns dos quadros da nova geração passaram pela Atlas ou pelo Cato, onde, além de teoria liberal, se adquire *know-how* sobre organização e atuação política (ROCHA, 2021). Isso não significa que a relação dos *think tanks* de direita com a estrutura Usaid/NED começou nos anos 2000. Com efeito, desde os anos 1980 há registros desse tipo de parceria, como por exemplo o programa de assessoria legislativa que o Cipe ofereceu ao IL, para que este melhorasse tanto suas propostas de políticas públicas quanto sua capacidade de articulação de grupos de interesse (BRUM, 2022).

Dessa forma, aqui se chega à base da estrutura de guerra ideológica dos Estados Unidos no Brasil. A imagem abaixo ilustra e sintetiza esse desdobramento.

Figura 1 — Estrutura da guerra ideológica estadunidense e seus desdobramentos no Brasil



Fonte: elaboração própria a partir de Brum (2022), Casimiro (2018), Mendes (2022) e Rocha (2021). Arte: Antônio Ribas.

Outro aparelho ideológico muito atuante é a mídia, cujo comportamento, historicamente, se caracteriza pela defesa do neoliberalismo e o antipetismo. Durante a Constituinte, a mídia oligopolista militou contra a inclusão dos direitos sociais. Desde então, interdita o debate sobre os rumos da política econômica, apresentando exclusivamente as teses neoliberais. Já o antipetismo fica evidente quando comparada a cobertura sobre casos de corrupção envolvendo membros do PT ou do PSDB, principal partido da direita até 2014 (FONSECA, 2011).

Em junho de 2013 a mídia foi fundamental para a amplificação dos atos.

4.2. O ACONTECIMENTO: OS 20 CENTAVOS E A REPRESSÃO POLICIAL

Os protestos de junho de 2013 se dividem em duas etapas. Os atos contra o aumento começaram dia 6 de junho. No dia 13, ocorreu a quarta série de protestos. Até então, eram pequenos e concentrados em poucas capitais, especialmente São Paulo. Tinham pautas de esquerda e eram liderados pela esquerda. Foi no interregno entre 13 e 17 de junho que a direita brasileira e o imperialismo apostaram pesado na promoção da contrarrevolução brasileira, a revolução colorida que teve início dia 17, quando os atos se agigantaram. Entre 17 e 20, os atos foram multitudinários, especialmente no dia 20, ocorrendo em dezenas de cidades em todos os estados e no Distrito Federal. De fato, o momento histórico, a efeméride, é esse período (17 a 20 de junho), porque, por um lado, difere de tudo que veio antes, e, por outro, tudo o que se segue é consequência direta ou indireta daqueles quatro dias.

O gatilho para a revolução colorida foi a combinação do aumento nominal de R\$ 0,20 na passagem de ônibus com a repressão policial do dia 13 de junho. A chave para entender a transformação ocorrida entre os dias 14 e 17 é compreender como se forjou a ideia da repentina e espontânea indignação solidária, para o que o trabalho da mídia foi decisivo (MENDES, 2022).

Sempre contrários a qualquer manifestação de esquerda, esses veículos vinham condenando os atos. Nos dias subsequentes aos três primeiros atos, só uma primeira página d’*O Globo* tratava do assunto, enquanto a *Folha de S.Paulo* o fez em todos os casos. Ambos os jornais retratavam os atos de forma negativa: imagens de fogo, palavras como *caos* e *violência*. Para o dia 13, estava convocado mais um ato. Nesse dia, em seu editorial, a *Folha de S.Paulo* disse que era “hora de retomar a [avenida] Paulista”. Após a violenta repressão aos atos daquela noite, os jornais do dia 14 haviam mudado de chave, e passaram a condenar a violência não dos manifestantes, mas da polícia: a *Folha* trouxe em sua capa um policial negro batendo com um cassetete, pelas costas, em uma manifestante jovem e branca; n’*O Globo*, um grupo de jovens brancos ajoelhados e de mãos para cima sob a mira das armas da polícia. Agora, era a polícia que promovia “caos” e “violência”. Ao longo do fim de semana, os jornais trouxeram diversas matérias debatendo a violência policial e mostrando a diversidade dos atos (MENDES, 2022).

A função da mudança era gerar uma comoção. A imprensa percebeu ali uma oportunidade de desestabilizar o governo Dilma. Ora, a violência policial foi e é uma rotina no Brasil e seus alvos preferenciais são a juventude negra das favelas e os manifestantes de esquerda. Essa brutalidade nunca tocou a classe média ou a mídia. Porém, os principais veículos apostaram que era possível explorar a situação, desde que se usassem as palavras e imagens certas, para assim romper os limites em que as manifestações de direita vinham esbarrando.

A chave para entender a transformação ocorrida entre os dias 14 e 17 é compreender como se forjou a ideia da repentina e espontânea indignação solidária, para o que o trabalho da mídia foi decisivo

Tal percepção foi acompanhada por jovens lideranças ultraliberais, como Juliano Torres e Fábio Ostermann. Ostermann foi diretor e fundador do Ordem Livre e do EPL, ligados, respectivamente ao Cato e ao Atlas, que por sua vez fazem parte da estrutura Usaid/NED. Por sugestão dele, Torres, que já havia coordenado outros *think tanks* liberais, assumiu a direção do EPL. Ostermann e Torres perceberam que se abria uma oportunidade e começaram a trabalhar para que os liberais também fossem para as ruas (ROCHA, 2021). De fato, como a imagem abaixo mostra, grupos anarcocapitalistas, como o Libertários, também se empenharam na convocação.

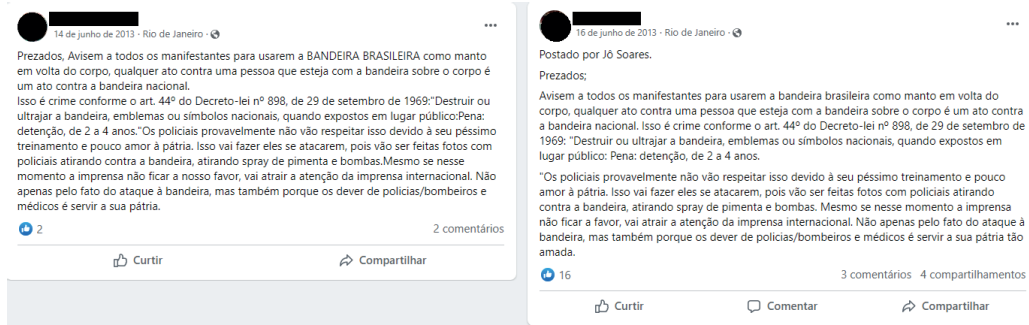
Figura 2 — Convocatória do grupo Libertários para o protesto do dia 17 de junho de 2013



Fonte: Libertários (2013).

Essa postagem serve de ensejo para tratarmos de dois outros aspectos, ligados ao Facebook, que mostram que a direita brasileira viu nas manifestações uma oportunidade de promover uma inflexão radical na política brasileira. Em 14 de junho, Jair Bolsonaro criou seu perfil no Facebook, que à época era a principal rede social no país. Também no dia 14 começou a circular uma *fake news* orientando as pessoas a se vestirem com a bandeira brasileira, porque assim a polícia não bateria nos manifestantes. Do dia 16 em diante, esse embuste passou a circular como sendo uma orientação do apresentador Jô Soares (figura 3).

Figura 3 — Fake news orientando manifestantes a usar bandeira para se proteger da polícia



Fonte: ferramenta de pesquisa do Facebook a partir do termo *bandeira*, usando como filtro o período de 2013. Pesquisa feita em 20 de março de 2023. Identidades preservadas.

Antes de passarmos para a fase dos atos massivos, sugerimos a visualização do quadro abaixo, no qual sintetizamos esses fatos.

Quadro 1 — Cronograma dos principais eventos relacionados aos protestos de junho de 2013

Dia	Principais fatos
6, 10, 11, 13	Atos contra o aumento da passagem do transporte público
14	Virada na cobertura da mídia oligopolista <i>Fake</i> da bandeira Criação do perfil de Bolsonaro no Facebook Pequenos movimentos liberais começam a convocar
16	Jovens lideranças ultraliberais de expressão nacional começam a convocar para os atos
17	Atos ficam gigantescos Bandeira brasileira ganha destaque
17-20	Revolução colorida

Fonte: elaboração própria.

4.3. O MOVIMENTO: A REVOLUÇÃO COLORIDA

Os atos de 17 de junho de 2013 surpreenderam a todos pelo contingente de participantes mobilizado e pelo seu espraiamento. Naquela noite, centenas de milhares de pessoas participaram de atos em dezenas de cidades. Surpreendia também o fato de que nos três dias subsequentes, dia após dia, os protestos se repetiram com contingentes cada vez maiores, até que no dia 20 as manifestações superaram a marca de 1 milhão de pessoas.

Paralelamente, o mais poderoso conglomerado midiático do país mudava novamente sua abordagem. Entre 14 e 17, nas páginas que tratavam das manifestações, o jornal *O Globo* usa o “chapéu” “Tensão urbana”. No dia 18, o “chapéu” foi “Um país que se mexe”. Para se equilibrar entre o incentivo às manifestações e o respeito à ordem, o jornal começou a



Cards de divulgação de atividades em rede social do Instituto Millenium, um dos mais ativos *think tanks* da direita brasileira

combinar manchetes como “Protestar, ato que reúne diferentes tribos” (SALOMONES; JANSEN, 2013, p. 8) e “Violência no fim de um protesto pacífico” (VIOLÊNCIA..., 2013, p. 5).

No dia seguinte, nova mudança no “chapéu”: entre 19 e 23, no alto da página das matérias sobre o tema, o jornal estampava: “O Brasil nas ruas”. Quando acabou o primeiro ciclo das manifestações multitudinárias, o editorial do jornal clamava: “Não se deve deixar dissipar a energia mobilizada por todas estas manifestações, para o encaminhamento das reformas [de] que o país precisa” (DESDOBRAMENTOS..., 2013, p. 22). Já Merval Pereira, um dos principais articulistas do grupo e dos mais afinados com a linha editorial do veículo, resumiu o conflito ideológico que se travava: “O fato de militantes petistas com suas bandeiras terem sido rechaçados nas manifestações em diversos estados do país ontem é um bom indício de que o movimento que chegou aos corações e mentes da classe média não se deixou contaminar por partidarismos.” (PEREIRA, 2013, p. 4) Finalmente, tal inflexão chegou também à emissora de televisão do Grupo Globo: a mesma emissora de TV que, não podendo negar as manifestações das “Diretas já”, as retratou como um festejo para o aniversário de São Paulo, interrompeu sua programação para transmitir os atos em tempo real.

Sobre os aspectos visuais, os atos chamaram atenção também pelo fato de a bandeira brasileira e a camisa da seleção brasileira de futebol virarem o símbolo dos protestos. Nesse sentido, vale destacar que não foram só os manifestantes que passaram a ter arroubos nacionalistas. A fim de expressar sua identificação e seu entusiasmo com as manifestações, a Fiesp projetou a bandeira nacional em sua célebre fachada luminosa.

Como última consideração sobre os atos daquela semana, quando acabou esse primeiro ciclo de manifestações multitudinárias, lideranças jovens ultraliberais e os *think tanks*

do sistema Usaid/NED também deixaram clara sua satisfação com os atos e como viam o futuro auspicioso para Brasil. No dia 21, Cibele Bastos, uma liderança ultraliberal, dirigente do EPL com passagem pelo IL, compartilhou uma postagem do Students For Liberty Brasil:

É das ruas que surgirá um país livre.

As manifestações populares que ora ocorrem no Brasil marcam um momento sem precedentes. A capacidade de se fazer política hoje se afasta dos agentes e métodos tradicionais. Surge um arranjo de organização horizontal e espontâneo, propiciado pela liberdade das redes (SFLB, 2013).

5. CONCLUSÃO

Revoluções coloridas são manifestações multitudinárias aparentemente espontâneas, cujo objetivo é promover um golpe ou uma mudança de regime. São a expressão mais elevada da guerra ideológica em favor do neoliberalismo e da hegemonia dos EUA. Nesse sentido, elas são ferramentas da contrarrevolução e do imperialismo. Nesse sentido, entendemos que junho de 2013 foi uma revolução colorida porque atendeu aos interesses da burguesia brasileira, em retomar a agenda neoliberal, e aos interesses imperialistas, em prejudicar a configuração dos Brics, uma concertação contra-hegemônica, e o ciclo de esquerda na América Latina.

As evidências trazidas mostram que houve uma ação coordenada de diversos segmentos da direita brasileira, muitos com laços com a estrutura de guerra ideológica estadunidense, em cujo vértice estão a Usaid e o NED. Essa ação foi decisiva para que, de forma aparentemente repentina e espontânea, houvesse a amplificação dos protestos, que quando eram de esquerda eram pequenos. Essa aparência súbita e espontânea de amplificar protestos, de nacionalizar demandas locais e, sobretudo, de gerar severa instabilidade é típica das revoluções coloridas.

A direita brasileira e o imperialismo apostaram pesado na instrumentalização dos protestos a fim de encerrar a experiência de esquerda e de uma política externa autônoma. Podiam ter perdido? Podiam. Mas o que entrou para a história foi a vitória: anos depois, o Brasil viveu uma contrarrevolução liberal-conservadora e se tornou um pária internacional.

* Doutorando em Economia Política Internacional na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Mestre em Ciência Política pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UniRio). Bacharel em Geografia pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Professor na rede municipal de Duque de Caxias (RJ). Autor de *Guerra híbrida e neogolpismo: geopolítica e luta de classes no Brasil (2013-2018)*, publicado pela editora Expressão Popular em 2022. Vencedor da bolsa-prêmio do Instituto Lula para “Estudos sobre temas de fronteira” (2022) para desenvolver a pesquisa “O uso das tecnologias da informação e comunicação a serviço de um Brasil soberano, desenvolvido e igualitário”.

► Texto recebido em 30 de março de 2023; aprovado em 12 de abril de 2023.

BERZINA, Ieva. **Color revolutions**: democratization, hidden influence, or warfare?. Riga: National Defense Academy of Latvia Center for Security and Strategic Research, 2014.

BRUM, Luan C. **O poder das ideias e a consolidação dos institutos liberais parceiros da Atlas Network no Brasil**: uma análise acerca da ascensão de seus dirigentes no governo Bolsonaro. Uberlândia: UFU, 2022.

CASIMIRO, Flávio H. C. **A nova direita**: aparelhos de ação política e ideológica no Brasil contemporâneo. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2018.

CLAUSEWITZ, Carl von. **Da guerra**: a arte da estratégia. São Paulo: Tamy, 2005.

DELGADO, Yorlis L. La otra Nicaragua: imperio y territorios en resistencia. **Tensões Mundiais**, v. 15, n. 28, p. 299-324, 2019.

DESDOBRAMENTOS da mobilização. **O Globo**, Rio de Janeiro, 21 jun. 2013, p. 22.

DIAS, João de Almeida. Luaty Beirão: o rapper em greve de fome que enfrenta o regime angolano a partir de uma cama de hospital. **Observador**, Lisboa, 12 out. 2015. Disponível em: <<https://observador.pt/2015/10/12/luaty-beirao-rapper-greva-fome-enfrenta-regime-angolano-partir-cama-hospital>>. Acesso em: 28 mar. 2023.

DUFFIELD, Mark. **Global governance and the new wars**: the merging of development and security. London: Zed Books; New York: Palgrave, 2014.

EAGLETON, Terry. **Ideologia**: uma introdução. São Paulo: Boitempo, 2019.

ELLIS, Robert E. **The influence of extra-hemispheric actors on the crisis in Venezuela**. Washington: Foreign Affairs Committee U.S. House of Representatives, 2017. Disponível em: <<https://docs.house.gov/meetings/FA/FA07/20170913/106398/HHRG-115-FA07-Wstate-EllisR-20170913.pdf>>. Acesso em: 19 out. 2020.

FIORI, José L. Estados, moeda e desenvolvimento. In: _____. (Ed.). **Estados e moedas no desenvolvimento das nações**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2012a. p. 49-86. (Coleção Zero À Esquerda.)

_____. Introdução: de volta à questão da riqueza de algumas nações. In: _____. **Estados e moedas no desenvolvimento das nações**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2012b. p. 11-46. (Coleção Zero À Esquerda.)

FONSECA, Francisco. Mídia, poder e democracia: teoria e práxis dos meios de comunicação. **Revista Brasileira de Ciência Política**, n. 6, p. 41-69, dez. 2011.

FRASER, Nanci.; JAEGLI, Rahel. **Capitalismo em debate**: uma conversa na teoria crítica. São Paulo: Boitempo, 2020.

HARVEY, David. **O novo imperialismo**. São Paulo: Loyola, 2011.

KAISER, Brittany. **Manipulados**: como a Cambridge Analytica e o Facebook invadiram a privacidade de milhões e botaram a democracia em xeque. Rio de Janeiro: Harper Colins, 2020.

KORYBKO, Andrew. **Guerras híbridas**: das revoluções coloridas aos golpes. São Paulo: Expressão Popular, 2018.

LACERDA, Marina B. **O novo conservadorismo brasileiro**: de Reagan a Bolsonaro. 1. ed. Porto Alegre: Zouk, 2019.

LIBERTÁRIOS. **Transporte livre já!**. São Paulo, 14 jun. 2013. Facebook: LIBER SP. Disponível em: <www.facebook.com/sejalibersp/photos/oa.556453247731811/576684259042795>. Acesso em: 29 mar. 2023.

LOSURDO, Domenico. **Guerra e revolução**: o mundo um século após outubro de 2017. São Paulo: Boitempo, 2017.

MACHADO, Débora F. **Modulações algorítmicas**: uma análise das tecnologias de orientação de comportamento a partir das patentes do Facebook. São Bernardo do Campo: UFABC, 2019.

MACKINNON, Mark. **The new cold war**: revolutions, rigged elections and pipeline politics in the former Soviet Union. Toronto: Vintage Canada, 2010.

MAJEROWICZ, Esther. **A China e a economia política internacional das tecnologias da informação e comunicação**. Natal: Departamento de Economia da UFRN, 2019.

MAQUIAVEL, Nicolau. **O Príncipe**. Porto Alegre: L&PM, 2013.

MENDES, Mateus. **Guerra híbrida e neogolpismo**: geopolítica e luta de classes no Brasil (2013-2018). 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2022.

MEYSSAN, Thierry. **La Albert Einstein Institution**: no violencia según la CIA. Red Voltaire, Paris, 15 feb. 2005. Disponível em: <www.voltairenet.org/article123805.html>. Acesso em: 8 jan. 2021.

- MONIZ BANDEIRA, Luiz A. **A segunda Guerra Fria**: geopolítica e dimensão estratégica dos Estados Unidos: das rebeliões na Eurásia à África do Norte e ao Oriente Médio. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.
- MOROZOV, Evgeny. **Big tech**: a ascensão dos dados e a morte da política. 1. ed. São Paulo: Ubu, 2021.
- PEREIRA, Merval. Partidarismo rejeitado. **O Globo**, Rio de Janeiro, 21 jun. 2013, p. 4.
- PINHEIRO, Letícia; LIMA, Maria R. S. de. Between autonomy and dependency: the place of agency in Brazilian foreign policy. **Brazilian Political Science Review**, v. 12, n. 3, 11 out. 2018.
- ROCHA, Camila. **"Menos Marx, mais Mises"**: o liberalismo e nova cara da direita no Brasil. São Paulo: Todavia, 2021.
- ROUVINSKI, Vladimir. Russian-Venezuelan relations at a crossroads. **Wilson Center**, Washington, DC, February 2019. Disponível em: <www.wilsoncenter.org/sites/default/files/media/documents/publication/russia-venezuela_report_rouvinski_final.pdf>. Acesso em: 19 out. 2020.
- SALOMONES, Roberta; JANSEN, Thiago. Protestar, ato que reúne diferentes tribos. **O Globo**, Rio de Janeiro, 18 jun. 2013, p. 8.
- SFLB. **EPL!**. [S.l.], 21 jun. 2013. Facebook: Cibele Bastos. Disponível em: <www.facebook.com/behbastos/posts/10200662644026128>. Acesso em: 9 jun. 2023.
- SUN, Tzu. **A arte da guerra**. Porto Alegre: L&PM, 2007.
- VIOLÊNCIA no fim de um protesto pacífico. **O Globo**, Rio de Janeiro, 18 jun. 2013, p. 5.
- VISENTINI, Paulo G. F. **O Grande Oriente Médio**: da descolonização à Primavera Árabe. Rio de Janeiro: Elsevier, 2014.